

IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO

A EDUCAÇÃO PÚBLICA COMO FORMA DE PROPAGAÇÃO DA ALIENAÇÃO SOCIAL E UM POSSÍVEL CAMINHO DE SUPERAÇÃO.

André Talhamento - UFPel

Eixo 5: Trabalho-educação e a formação dos trabalhadores (educação profissional, tecnologias da educação, trabalho como princípio educativo)

Resumo: Este trabalho busca compreender como a educação pública reproduz a ideologia da classe dominante. Partimos da teoria da causalidade, do conceito de práxis de Aristóteles, e dos conceitos de trabalho, alienação, práxis, propriedade privada e Estado, em Karl Marx, para analisar a influencia da ideologia no processo educacional e da própria estrutura social e, também, como a divisão do trabalho é fundamental na compreensão da relação entre ideologia e educação. Procuramos mostrar ainda que a união do trabalho com o ensino era vista, por Marx como único meio de superar a alienação produzida pela divisão do trabalho e como é impossível separá-los sem que haja uma alienação do homem em relação a si mesmo e, consequentemente, em relação à sociedade.

Palavras-chave: Práxis. Alienação. Ideologia. Educação. Estado.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo analisar como a educação pública reproduz a ideologia da classe dominante, perpetuando a dominação de classes sem possibilitar que os educandos tenham uma reflexão crítica sobre a realidade social. O embasamento teórico foi buscado em autores como Aristóteles, Karl Marx, Durkheim, Henri Lefebvre, Marilena Chauí, e Mario Manacorda. Como metodologia, retornamos a Aristóteles e Marx, buscando compreender como os conceitos de causalidade, práxis, trabalho, ideologia, alienação entre outros se relacionam com a educação e qual sua influência na sociedade. Em seguida, aplicamos tais conceitos à realidade atual da educação pública e verificamos como o ensino formal se relaciona com o trabalho manual na teoria de Marx, sendo uma possível saída, para o problema da separação entre conhecimento e trabalho, teoria e prática.

Educação Pública e ideologia dominante

Para compreendermos a relação entre ideologia e educação, é necessário que conheçamos, em primeiro lugar, os processos pelos quais as atividades essenciais de nossas vidas foram sendo formadas, delineando nosso modo de pensar, viver e compreender a realidade. Para isso retornaremos a dois grandes pensadores que marcaram a história:

Aristóteles, pensador Grego (séc. IV a.C.) que abordou diversos temas, tais como a física, a metafísica, a poesia, a biologia e a zoologia; e Karl Marx, sociólogo alemão, cujo pensamento causou grande influencia na filosofia do século XIX até os dias atuais. Desenvolveu uma das mais importantes contraposições ao capitalismo. Escolhemos estes dois autores para tratar da “ideologia e educação”, pois julgamos que seus escritos além de atuais e de abranger com profundidade o tema, se relacionam, pois tanto Aristóteles, em sua teoria da causalidade, quanto a Marx em sua teoria política, procuram explicar a realidade e entendem que esta é uma construção do homem e que pode ser entendida conhecendo-se as causas (Aristóteles) e os processos por meio dos quais os homens construíram sua própria história (Marx). Estes autores guiarão nosso percurso para compreendermos a relação entre ideologia e educação que é, no mínimo, contraditória, uma vez que a educação deveria nos fazer conscientes de nossa condição social, econômica, política etc. e não nos deixar alheios a nós mesmos, ou mais, servir de instrumento para perpetuar a alienação. Procuraremos compreender também como se dá a transmissão da ideologia dominante por meio do processo educativo e como a educação pública serve de instrumento à classe dominante.

Para compreendermos a relação entre ideologia e educação levaremos em conta Aristóteles, que ao elaborar a teoria das quatro causas procura explicar a realidade, que segundo ele, só pode ser conhecida quando se conhece as causas. A teoria da causalidade está presente em nosso pensamento científico até hoje, sendo que as causas formal (formalidade), material (matéria do que é feito algo), eficiente (princípio primeiro da mudança ou do repouso), e final (o fim, o propósito da coisa), foram usadas para explicar a mudança e a permanência das coisas. A partir desta teoria podemos afirmar que algo permanece quando sua forma e finalidade permanecem, e muda quando uma causa eficiente altera a matéria mudando sua forma. Ainda hoje em nossa sociedade, a causa eficiente (o trabalhador) é a causa menos valorizada, sendo apenas mais um instrumento, embora sem ele as mudanças na matéria, que é o que produz a riqueza (finalidade de seu trabalho) não aconteçam; sendo assim podemos dizer que as causas, formal e final, são as mais valorizadas. Na hierarquia das quatro causas a menos importante é a eficiente, ou seja, a que dá forma à matéria.

A teoria da causalidade de Aristóteles faz distinção entre dois tipos de atividades: (a técnica) poiésis e (ética e política) práxis, sendo que a atividade técnica é considerada um trabalho mecânico em que a causa eficiente, aquele que age sobre a matéria, introduz nela uma forma que tem por objetivo agradar àquele a quem se destina o objeto final. Já a práxis é a atividade própria do homem livre, o qual é dotado de razão e pode escolher livremente uma ação, capaz de inserir-se na ação e transforma-la através da ação consciente e livre. Na práxis

não há separação entre o agente, a ação e a finalidade. O agente conhece a finalidade de sua ação e o faz por uma escolha livre, esta depende apenas de sua força de vontade.

O conceito de práxis em Karl Marx tem o sentido de ação transformadora que a revolução deve exercer sobre as relações de produção e trabalho, pois tais relações determinam o modo de pensar e agir das pessoas. Sendo a maneira de pensar dos homens determinadas pelas relações de trabalho, esta não deveria ser explicada por uma crítica intelectual, uma vez que não vieram de um processo de reflexão. Pelo contrário, o modo de pensar das pessoas é formado justamente pelas relações de produção que não permitem o pensar junto com a ação, tornando o trabalho puramente mecânico, cuja finalidade é produzir cada vez mais, enriquecendo o proprietário dos meios de produção. O conceito de propriedade privada em Marx é muito importante, pois na medida em que algumas pessoas passaram a ser donos das terras, as outras eram obrigadas a se submeter a esses proprietários, uma vez que não tinham mais local de trabalho, nem a matéria-prima, que antes a natureza lhes fornecia, nem instrumentos de produção. Na obra “A ideologia Alemã” Marx enumera as formas de propriedade, sendo a primeira delas a tribal: nela os homens vivem do que a natureza lhes fornece e quase não há divisão do trabalho, sua estrutura social é extensão da família; a segunda forma de propriedade é a comunitária, esta provém da união da varias tribos numa única cidade. Os cidadãos exercem coletivamente o seu poder sobre os escravos, sendo que esta já constitui um tipo de propriedade privada dos cidadãos sobre os escravos. A divisão do trabalho nesta época está mais evoluída, já existindo oposição entre cidade/campo e entre os estados que representam os interesses das cidades e aqueles que representam os do campo; no interior da cidade há oposição entre o comercio marítimo e a indústria. O terceiro tipo de propriedade é a feudal, esta repousa numa comunidade sem escravos, desta vez são os servos da gleba que constituem a classe produtora¹.

Nos Manuscritos Econômicos Marx define o trabalho como a essência subjetiva da propriedade privada, sendo que esta essência o produz e determina:

[...] assim também é superada a riqueza que se encontra fora do homem e é independente dele – que há de ser, pois, afirmada e mantida apenas de modo exterior -, isto é, é superada esta sua objetividade exterior e privada de pensamento, ao ser incorporada a propriedade privada ao próprio homem e ao ser reconhecido o próprio homem como sua essência; mas com isso, o próprio homem é posto como determinação (*Bestimmung*) da propriedade privada, assim como Lutero, sob a determinação da religião.”²

¹ MARX, Karl Heinrich; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. Editora Presença/Martins Fontes, 3 ed. Pgs. 20-23.

² MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos (Os pensadores ; v.12). 5.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. P. 163

O trabalho para Marx produz o homem e é a condição de sua existência na medida em que o humaniza, em que o homem produz cultura através dele em sua luta com a natureza e se reconhece no produto de seu trabalho, pois transferiu a ele um pouco de sua humanidade. No entanto, Marx afirma que a propriedade privada e a divisão do trabalho produziram a alienação do homem, sua consciência foi sendo determinada de tal forma que ele ficou alheio a si mesmo, não se reconhecendo no produto do seu próprio trabalho, pelo contrário, o tem como estranho a si, não se relacionando mais com o produto do seu trabalho, mas é reduzido a uma extensão da máquina, fazendo apenas uma pequena parte do produto. Porém o homem não tem consciência de sua condição alienada, não percebe o quanto ele é explorado, mas ao contrário, tem esta condição como sendo natural ou como uma fatalidade. Marx estabelece a *ideologia* como responsável pelo fato do homem não perceber esta exploração e não reagir a ela. O termo *ideologia* foi usado pela primeira vez em 1801 por Destutt de Tracy, como uma ciência da origem das idéias como fenômenos naturais que exprimem a relação com o corpo, como organismo vivo, com o meio ambiente. Os ideólogos de então eram antiteológicos, antimetafísicos e antimonárquicos. O sentido do termo *ideologia* foi invertido por Napoleão que tinha nomeado os ideólogos para a função de senadores, depois de desentendimentos os declarou como metafísicos.³

Marx diferencia o trabalho alienado do trabalho real. No trabalho alienado o sistema de produção, por meio da divisão do trabalho mata a humanidade do trabalhador, tira dele aquilo que faz com que ele seja homem (a Práxis), sua racionalidade. A divisão do trabalho aumenta a produção, o excedente é o que Marx chama de “mais valia”, o lucro do proprietário dos meios de produção. No trabalho alienado o produto é estranho ao produtor, ele não reconhece seu produto, pois, por causa da divisão do trabalho, ele faz apenas uma pequena parte do produto. Já no trabalho real, o indivíduo pensa ao produzir. Neste sentido, para Marx o trabalho significa o homem: o homem através do trabalho, no sentido de Práxis, é digno, faz jus ao nome de homem, trabalha pensando e refletindo sobre o que faz, é consciente do processo de trabalho, consciente de si mesmo. Enquanto que os outros animais se adequam às imposições da natureza o homem através de sua racionalização se impõe à natureza, sobressai a ela. Para Marx o trabalho artesanal é o último modelo de trabalho real, pois nele o homem utiliza-se da razão o tempo todo. O artesão olha para o produto de seu trabalho e se reconhece

³ CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1980. Pgs. 25-28

nele, sabe que sem ele o produto não existiria, coloca humanidade no produto, o produto é fruto de sua humanidade.

Na teoria de Marx, ideologia é um conjunto de idéias usadas para explicar a realidade; ela é o principal instrumento de dominação usado pela classe dominante, consistindo em ocultar a realidade às outras classes não dominantes. Esta realidade é uma construção histórica, social, política e econômica, formada pelos homens no decorrer da história, sendo que a ideologia pretende separar a produção das idéias das condições materiais em que os homens produzem sua própria existência, condicionados por um desenvolvimento das forças produtivas e da forma de relações que estas determinam.

Como vemos, são sempre indivíduos determinados, com uma atividade produtiva que se desenrola por um determinado modo, que entram em relações sociais e políticas determinadas. É necessário que, em cada caso particular, a observação empírica mostre nos fatos, e sem qualquer especulação e mistificação, o elo existente entre a estrutura social e política e a produção. A estrutura social e o Estado resultam constantemente do processo vital de indivíduos determinados; mas não resultam daquilo que estes indivíduos aparecam perante si mesmos ou perante os outros e sim daquilo que são na realidade.⁴

Ocultando a realidade às outras classes, a classe dominante faz com que a dominação apareça como algo natural, justo e em alguns casos até querida por Deus. Quando a classe dominante produz uma ideia, ela precisa reproduzi-la, para isso usa de instituições como a Igreja, a família, o Estado etc. A ideologia tem a finalidade de manter ou justificar a dominação; ela é construída de tal forma que as idéias dominantes (que são as idéias da classe dominante) parecem ter vida própria, que sempre existiram e que existem por si mesmas, independentes da realidade histórica e social, pretendendo explicá-las quando na verdade é esta realidade que pode explicar a elaboração de tais idéias. A ideologia é possível por causa da divisão do trabalho em trabalho material/manual e espiritual/intelectual, nesta divisão o trabalho intelectual aparece como sendo superior ao trabalho manual. Essa autonomia do trabalho intelectual aparece como autonomia dos pensadores que produzem o trabalho intelectual e como autonomia do produto do seu trabalho (ideias). As ideias dominantes adquirem autonomia na medida em que se separa o indivíduo que domina e a ideia que domina, aparecendo esta dominação como sendo da ideia sobre o homem e não do homem sobre o homem⁵.

⁴ MARX, Karl Heinrich; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. Editora Presença/Martins Fontes, 3 ed. Pgs. 24

⁵ MARX, Karl Heinrich; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. Editora Presença/Martins Fontes, 3 ed., Pg. 58

Esta dominação é perpetuada na sociedade de maneira sutil, de forma com que as pessoas não percebam. Os principais instrumentos de transmissão da ideologia que permite a dominação, são as instituições como a família, a Igreja, o Estado, etc.. Como a educação formal é responsabilidade do Estado e de suas instituições, sobretudo a escola, é através dele que buscaremos entender a transmissão da ideologia dominante.

[...] Erigindo-se acima da sociedade, tem seus interesses próprios e seu próprio suporte social, a burocracia. Detém múltiplos poderes: organização, ideologia, coerção, decisão política. Mas ele não se pode abstrair da sociedade real, que lhe serve de base: classes e lutas de classes. Contendo uma realidade distinta, porém não autônoma – sua realidade depende das relações sociais. Se, por consequência, o aparelho do Estado tende a se estabelecer acima das classes, nem por isso está menos penetrado pelas classes existentes e seus conflitos. Serve à classe dominante ou às classes dominantes, arbitrando suas rivalidades, quando estas ameaçam a existência da sociedade. Ele é, pois, ao mesmo tempo, o terreno das lutas políticas, objeto que se arrisca nessas lutas, sua finalidade, e premio final muito disputado.⁶

A educação tem por objetivo satisfazer as necessidades da sociedade em que se encontra. Conforme define Durkheim (2001, p. 46) “[...] A educação variou infinitamente de acordo com os tempos e as regiões.”

O estado se serve do poder que tem sobre a sociedade e faz com que a educação, que esta sob sua responsabilidade, seja obrigatória, e através dela perpetua as divisões na vida do ser humano tão combatida por Marx, divisão entre o indivíduo e o cidadão, entre trabalho manual e intelectual. A compreensão do conceito de trabalho, propriedade privada, alienação, ideologia, classes, etc. se faz necessário na compreensão do processo educacional, pois a educação fornecida pelo Estado busca a manutenção das estruturas sociais e não a integração do ser humano. Uma vez que a educação tem por objetivo suprir as necessidades da sociedade, e as necessidades de nossa sociedade atual é puramente a tecnológica. Sendo assim, busca-se através da educação formar trabalhadores especializados para satisfazer esta necessidade. Mas esta necessidade é puramente econômica, e por consequência supre a necessidade da classe dominante satisfazendo sua carência de obra.

Não se fala em uma educação que supra outros tipos de necessidades, como por exemplo, a de formar pessoas responsáveis com o meio ambiente, pessoas menos violentas, conscientes de seu papel político, uma vez que a política é tão desacreditada pelas pessoas; formar pessoas capazes de refletir sobre suas condições política, econômica, social, afetiva, etc., pelo contrário, privilegiando a formação técnica em vista do lucro, o Estado se abstém

⁶ LEFEBVRE, Henri. Sociologia de Marx. Rio de Janeiro: Forense, 1968, pg. 90

dessas responsabilidades e depois usa seu poder de coerção para punir a violência, a agressão ao meio ambiente, a não participação na vida política que ele próprio produziu não cumprindo seu dever, uma vez que a educação e não só é responsabilidade sua, como também está em suas mãos.

O fato de as pessoas não perceberem e não se rebelarem contra esta opressão e sua redução a instrumentos da classe dominante, e da mesquinha educação que os reduz a apenas uma dimensão de sua existência é o que chamamos de ideologia. Como já vimos, ela é possível por causa da separação entre trabalho material/manual e espiritual/intelectual. Neste contexto a educação pública cumpre papel fundamental, pois ela perpetua esta separação como parte de sua estrutura, a escola é o ambiente em que se desenvolve a inteligência sem nenhuma, ou quase nenhuma, relação com a vida prática. Além disso, é proibido às crianças desenvolverem trabalhos manuais dentro ou fora das escolas, consolidando assim na própria consciência das pessoas a divisão entre trabalho manual e intelectual uma vez que é a vida que determina a consciência, ou seja, é sua vida prática, material que determina seu modo de compreender a realidade e não a consciência que determina a vida.⁷

Uma vez que a educação pública privilegia a educação para o mercado de trabalho, devemos levar em consideração que, para Marx, o trabalho é o que torna o homem alienado de sua condição de exploração, o que o desumaniza e fragmenta, tornando-o instrumento da classe dominante, mais uma peça da máquina. Por outro lado Marx reconhece que sem o trabalho não seria possível a vida humana, uma vez que os homens começam a se distinguir dos outros animais na medida em que produzam seus meios de subsistência.⁸

Marx via a questão do trabalho e da educação como algo não só que se relaciona, mas que se completam, um não pode existir sem o outro sem que haja uma degeneração do ser humano, a união do trabalho manual com o ensino era vista por Marx como o único meio de se superar a fragmentação do homem, causada pela divisão do trabalho e também de se superar a contradição existente na sociedade capitalista, onde quanto mais riqueza o proletário produz mais pobre ele fica. Marx falava em uma educação que formasse jovens capazes de acompanhar todo o processo de produção e não apenas uma parte do processo, como acontece no trabalho alienado; uma educação que satisfaça, não só as necessidades sociais, mas também as inclinações individuais. Em sua luta contra a exploração que os trabalhadores sofrem na sociedade capitalista, Marx aponta a propriedade privada e a divisão do trabalho

⁷ MARX, Karl Heinrich; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. Editora Presença/Martins Fontes, 3 ed., Pg. 26.

⁸ MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

como causa de degeneração do homem e sugere, como meio de superação desta situação, a união entre ensino e trabalho manual, fala também de uma articulação entre o ensino intelectual-físico-tecnológico ligado ao modo de ensino e trabalho produtivo, uma vez que o sistema de produção atual embrutece espiritualmente o operário. É interessante notar que para Marx a união do trabalho produtivo com o ensino é uma das mais potentes maneiras de transformação da sociedade.⁹

A realidade atual da educação pública passa por inúmeras dificuldades e é alvo de muitas críticas e preocupações, principalmente pelas pessoas ligadas à área da educação. Professores e demais pessoas que convivem com a realidade escolar expressam suas preocupações, angústias, medos e desmotivações, em relação ao ambiente escolar, como lugar de educação e aprendizado. A violência nas escolas, o desrespeito aos professores e a falta de interesse pelo estudo, são sintomas de um problema que vai muito além dos relacionados à relação docente/discente. Esta, como todas as relações humanas é conflituosa, mas não constitui o maior problema da educação pública mas sim um sintoma de uma situação que se agrava a cada dia. O fato é que há um descaso pela educação pública, não havendo interesse por parte do Estado em promover uma educação que leve as pessoas a desenvolverem suas faculdades físicas, morais e intelectuais, não obstante as inúmeras propagandas falaciosas feitas em relação à educação e que em muito pouco correspondem à realidade.

Os pensamentos de Aristóteles e Marx nos ajudam a compreender a relação entre ideologia e educação, visto que os pensadores partem da realidade para explicar a própria realidade. Deste modo, a teoria da causalidade de Aristóteles se relaciona com os conceitos de alienação, trabalho e ideologia de Marx e nos ajudam a compreender o modo como a educação pública transmite a ideologia da classe dominante. Podemos relacionar a educação com a causa eficiente, aquela que opera mudanças nos sujeitos a serem educados, mas que é desvalorizada em seu principal objetivo, ou melhor, ela está alienada de seu objetivo, servindo para perpetuar a transmissão da ideologia dominante em vez de operar mudanças positivas nos sujeitos a serem educados para que esses, por sua vez, operem mudanças na sociedade a partir de sua reflexão e ação. A própria estrutura social como um todo não permite que a educação cumpra seu papel, a escola é apenas mais uma instituição do Estado e, por isso reproduz a dominação. A estrutura social do trabalho, por exemplo, exige que a educação forme pessoas aptas ao trabalho tecnológico, que forme mão de obra para satisfazer as

⁹ Idem, idem, pgs. 44-53.

necessidades da sociedade que, na verdade são necessidades criadas pela classe dominante com o objetivo de obter lucro.

Conclusão

Levando-se em conta as dificuldades que a educação pública vem enfrentando, com sua carência de resultados não só intelectuais, mas também em outras áreas, como o respeito e a cidadania, consideramos que o pensamento de Aristóteles e Marx é de grande importância para compreendermos a realidade social em que vivemos devido à sua profundidade na explicação de problemas relativos à sua época, e a atualidade desses mesmos pensamentos. A teoria educacional de Aristóteles pode nos ajudar em diversos sentido, desde o como ensinar, uma vez que ele privilegia o método empírico na obtenção de conhecimento e que sem ela não poderia haver um conhecimento completo. Aristóteles neste sentido critica os sofistas por afirmarem ensinar a política mas não a exercerem e afirma que se alguém quiser ter um conhecimento científico da política deve também acrescentar-lhe a prática (Ética a Nicômaco livro 10. 1179 a 33 – 1181 b 24). Como vimos em Aristóteles à experiência é indispensável, pois não há como aprender a fazer uma coisa se não fazendo, só aprendemos a ser construtores, construindo. Poderíamos falar aqui em uma união do conhecimento intelectual com a prática, assim como na pedagogia de Marx. Na afirmação de Aristóteles, “A razão, sem a ajuda do hábito, pode falhar quando se trata de atingir a meta, mesmo que a natureza em questão seja perfeita, mas o hábito pode igualmente falhar sem a cooperação da razão. (Política livro 7. 1332 b 12 – 1334 b 27)

Não podemos nos esquecer de que Aristóteles em sua concepção educacional fala de algo que é muito importante para nós, a educação deve desenvolver nos indivíduos as virtudes e, sobretudo a participação na vida pública, importante para os gregos na época de Aristóteles e é importante para nós hoje, visto que a participação na política é tida com desprezo pela grande maioria das pessoas, e tal descaso favorece a falta de ética daqueles que a exercem de maneira formal sobre os demais cidadãos.

Marx, além de toda a contribuição à nossa educação atual que sua pedagogia pode nos trazer, como vimos com Mario Manacorda, pode nos ajudar com seu método dialético no estudo da educação atual, para superarmos a maneira linear de compreender a realidade escolar e os problemas do ensino. De fato tudo, ou quase tudo na educação, é visto como mais ou menos, falta ou excesso. Se o aluno não aprende matemática acrescentam-se mais aulas, inserem-se na grade curricular do professor mais horas de didática para que ele aprenda a ensinar. Se o aluno evade é por causa da repetência, então combate-se a repetência. É preciso

buscar o porquê, estudar estes e outros fatos de maneira menos subjetiva e mais objetiva, buscar a sua causa na realidade dos alunos, professores, na realidade escolar, economia e social. Entender por que os alunos não aprendem, eles estão interessados em aprender? Se não, por quê? O que leva as pessoas a não se interessarem?

Aristóteles e Marx têm muito a contribuir com nossa educação, sobretudo se formos capazes de compreender as causas da realidade atual da educação e colocarmos as teorias em prática.

Referências:

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. São Paulo: Atlas, 2009.

ARISTOTELES. A política. Rio de janeiro: Edições de Ouro, 1965.

CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1980.

DURKHEIM, Émile. Educação e sociologia. Lisboa: Edições 70.

HOURDAKIS, Antoine. Aristóteles e a educação. São Paulo: Loyola, 2001.

LEFEBVRE, Henri. Sociologia de Marx. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

MARX, Karl Heinrich: ENGELS, Friedrich. A Ideologia alemã. 3. ed, Editora Presença/Martins Fontes, s/d.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos (Os Pensadores). 5. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

MANACORDA, Mario Alighiero. Marx e a pedagogia moderna. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1966.